

mandaria segundos emissários a perguntar se deveria empreender uma expedição militar contra os Persas ⁶⁰.

Enviou os mensageiros lídios com ordem de fazer a seguinte prova aos oráculos: desde o momento da partida de Sardes, contassem o tempo transcorrido e, passados cem dias, consultassem os oráculos, perguntando o que estava a fazer na altura o rei dos Lídios, Crespo, filho de Aliates; escrever o que cada oráculo vaticinasse e levarem-lho ⁶¹. O que vaticinaram os restantes oráculos ninguém o sabe dizer, mas em Delfos,

47.1

2

⁶⁰ O Oráculo de Apolo em Delfos é o mais famoso da Grécia e o que maior influência exerceu. É sobejamente conhecida a sua importância no mundo grego e não me vou aqui deter sobre o assunto. Quero apenas acentuar que era considerado o umbigo, o centro do mundo, e superintendia na prescrição das purificações a efectuar pelos homicidas, na aprovação das constituições das novas cidades, no reconhecimento das novas divindades e cultos.

O de Abas, na Fócida, era também um oráculo de Apolo (cf. Hdt. 8. 27. 4-5, 33, e 134. 1; Pausânias 10. 35. 1-2). Dodona ficava no Epiro e aí existia um oráculo de Zeus, um dos mais famosos oráculos desta divindade, de grande projecção nos tempos mais antigos (cf. *Ilíada* 2. 750 e 16. 233-235; *Odisséia* 14. 327 e 19. 296). O santuário em que Anfiarau dava oráculos devia situar-se em Tebas (cf. Hdt. 1. 49, 52, 92.2; 8. 134. 1-2), portanto diferente do bem conhecido recinto sagrado de Oropo, o mais famoso de Anfiarau. O santuário de Trófonio — dado, na tradição, como filho de Apolo e de Epicasto — situava-se em Lebadeia, na Beócia (cf. 8. 134). O santuário de Apolo de Didíma em Mileto (cf. 1. 92. 2 e 157. 3) estava a cargo da família dos Branquidas; daí que apareça a cada passo designado com a forma que está no texto. O oráculo de Zeus Amon ficava no oásis Siwa do deserto líbio.

Os oráculos aqui referidos são sete, um número simbólico. São deixados de fora outros oráculos famosos na altura, quer da Ásia Menor — caso de Claros e Patara —, quer da Grécia continental, como acontece com o de Apolo Isménio na Beócia — que no entanto recebe donativos em 92. 1 —, o de Apolo Ptoio (cf. Hdt. 8. 135. 1), o de Zeus em Olímpia (sobre o oráculo de Zeus em Olímpia vide Parke, *The Oracles of Zeus*, cap. 8). Sobre os oráculos na Grécia vide Parke, *Greek Oracles*.

Encontramos uma atitude semelhante de pôr à prova os oráculos em Mardónio, em 479 (cf. 8. 133-135). Sobre o assunto vide Crahay, *Littérature oraculaire*, pp. 193-197.

⁶¹ Em muitos oráculos os cremólogos transcrevem e entregam as respostas escritas. Então συγγραφέωνος significaria "mandar escrever". No entanto, em 7. 111. 2 e 8. 135, não são esses ministros, os *prophetai* ou *promanides*, que os escrevem. Nesse caso συγγραφέωνος terá o sentido de γράφειν. As respostas eram dadas, de modo geral, em verso hexâmetro, mas em 1. 174. 5 é dada em trimetros iâmbicos. A partir do século III a. C., os oráculos passam a ser escritos em prosa.

Embora Heródoto não ponha Apolo a fazer qualquer referência à impiedade de Crespo em não acreditar nos oráculos, em Xenofonte, *Ciropeia* 7. 2. 16-17, é o próprio rei que confirma ser um acto impio o teste feito ao Oráculo de Delfos.

A prova pensada por Crespo implica a consulta a todos os oráculos no mesmo dia, o que levanta dificuldades quase insuperáveis. Recorde-se que o Oráculo de Delfos na época arcaica começou por funcionar apenas um dia por ano, 7 de Abril, e depois um dia por mês, o dia 7. Vide H. W. Parke, "The days for consulting the Delphic Oracle", *CQ* 37 (1943) 19-22; Parke-Wormell, *The Delphic Oracle* I, pp. 30-34; G. Roux, *Delphes, son oracle et ses dieux* (Paris, 1976), pp. 71-75.

logo que os Lídios entraram no templo, para consultar o deus, e fizeram a pergunta de que vinham incumbidos, a Pítia respondeu o seguinte em hexâmetros ⁶²:

Sei o número de areias e as medidas do mar,
entendo o mudo e ouço quem não fala.

Chegou-me aos sentidos o odor de tartaruga de dura carapaça,
a cozer no bronze com carnes de cordeiro;
por baixo estende-se bronze e tem bronze por cima.

Os Lídios, depois de transcreverem esta resposta da Pítia, puseram-se a caminho, de retorno a Sardes. Quando se apresentaram também

48.1

os outros enviados com os oráculos, então Crespo foi desenrolando e examinando cada um dos escritos ⁶³. Nenhum deles lhe agradava; quando porém escutou o de Delfos, de imediato fez preces e reconheceu o vaticínio, considerando que era o de Delfos o único oráculo, porque lhe tinha revelado o que ele fizera. De facto, depois de ter expedido os mensageiros sagrados para os diversos oráculos, Crespo aguardou o dia marcado. Pensou em algo que fosse impossível descobrir ou imaginar e ocorreu-lhe o seguinte expediente: cortou em bocados uma tartaruga e um cordeiro e fê-los cozer num caldeirão de bronze que tapou com uma tampa de bronze.

49.1

Pois esta foi a resposta que de Delfos deram a Crespo. Quanto ao oráculo de Anfiarau, não sei dizer o que vaticinou aos Lídios, após terem realizado à volta do templo os rituais prescritos, já que não vem referido

⁶² A palavra usada por Heródoto que traduzi por "templo" é *megaron* (*megaron*), e não é fácil saber se se refere ao templo para o distinguir do santuário ou recinto sagrado — o *temenos* (cf. 6. 134. 2) — ou ao áditon subterrâneo em que se encontrava a imagem do deus, já que o historiador também usa *megaron* para o referir (cf. 1. 159. 3 e 12; 7. 140. 1 e 3).

Neste passo, como acontece também em 1. 65. 2, 5. 92. 2 e 7. 140. 1, a Pítia dá o oráculo, antes de ser interrogada, mal vê os consulentes entrarem. Fontenrose, *The Delphic Oracle*, p. 116 considera estas respostas espontâneas oráculos lendários.

Este primeiro oráculo délfico transcrito por Heródoto apresenta a proverbial ambiguidade. Uma interpretação curiosa é a de M. Dobson, "Herodotus 1. 47.1 and the *Hymn to Hermes*: a solution to the test oracle", *AJP* 100 (1979) 349-359 que encontra certo paralelismo entre este oráculo e as fórmulas do *Hino Homérico a Hermes*. Wormell, "Croesus and the Delphic oracle's omniscience", *Hermathena* 97 (1963) 20-22 dá-lhe uma interpretação numismática.

⁶³ Na altura, os livros e missivas dobravam-se em forma de rolo e, para a sua leitura, tinham de ser desenrolados.